

## VI – O VAZIO NÃO É A FALTA

O vazio como tal é algo em torno do que eu também posso construir alguma coisa. A metáfora é de Heidegger (1956), com a questão do oleiro. Heidegger questiona qual é a matéria prima do oleiro. É o barro que ele vai utilizar ou é o vazio? O barro para o oleiro vai ser a borda, mas o que vai fazer com que o vaso, o pote, seja de determinada forma é o vazio que vai estar circundado por essa argila. Então, ele vai imaginar um determinado tipo de vazio e, em torno desse vazio, ele constrói as bordas, o vaso, constrói o pote, a panela e assim por diante. Esse vazio é exatamente aquilo que o oleiro vai utilizar para circundar com argila e fazer os vasos das formas mais diversas possíveis. Nesse sentido a argila vai ser exatamente o limite ou a fronteira do vazio, vai delimitá-lo. É esse vazio que vai ser circundado com a argila e vai construir um vaso. Essa metáfora é de Heidegger e vai mostrar como em nossa cabeça podemos utilizar o vazio para construir uma obra de arte, por exemplo.

Para Aristóteles o espaço vazio seria uma aberração. Os corpos celestes e os espaços entre eles seriam cheios de uma matéria especial, o éter ou quinta essência, que seria eterna. O vazio causava horror: "*horror vacui*"

Enquanto que a questão da falta para Lacan – ele coloca isso de uma maneira bastante interessante no seminário da *Angústia*, quando diz que o que faz com que haja angústia é quando falta a falta. O que nos angustia realmente é a falta da falta e essa angústia vem

sobretudo na nossa relação com o Outro. Aí Lacan distancia-se um pouquinho de Freud, quando Freud dizia que toda angústia surge no momento em que há uma separação, em que há uma perda. É o protótipo que Freud coloca é a criança, o neném, o bebê, que separou-se da mãe, perdeu o corpo da mãe, e nesse momento, segundo Freud, surge a angústia, se constitui a angústia.

Lacan coloca em termos de uma presença que é só presença e onde falta a falta; se há presença demais sem possibilidade de que haja a falta, é isso que vai fazer com que surja a angústia, porque vai faltar a possibilidade de se construir algo na ordem simbólica. Porque para que o simbólico se constitua é necessário que haja o *fort-da*, isto é, é necessário que haja presença e ausência. Se falta a ausência e há só presença, presença invasora, total, nesse momento aí, o fato de que não possa haver desaparecimento da presença é que provoca a angústia, ou seja, presença demais.

Esta colocação de certa forma se distancia de Freud, mas nele a gente também encontra alguns elementos que vão nessa direção, quando ele coloca a questão de como é que se constitui a representação para o ser humano. Freud diz que se a criança está em presença da coisa, *Das Ding*, como ele chama, não pode haver nenhuma representação. Mas no momento em que a criança se separa do corpo da mãe, se separa da coisa, nesse momento, essa separação, essa ausência da coisa, faz com que surja a *Vorstellung*, a representação. É nesse momento que surge a representação, representação que é um processo psíquico, mas que tem uma finalidade, tem uma função, a saber, diz Freud, textualmente, “restaurar o estado desejado da coisa”. Portanto essa separação ou essa ausência é necessária para constituir exatamente a representação e fazer com que ocorra a distinção entre necessidade e desejo. Porque em presença da coisa não pode haver desejo. É quando a coisa se ausenta, desaparece, que pode surgir o desejo. Na presença da coisa, se a coisa está aí, por que desejar?

Vejam, tínhamos ficado nesse ponto, que é o par ordenado que inscreve essa diferença no par. A questão que tínhamos colocado era esta – será que podemos construir um par ordenado apenas

com um elemento, ou seja, sem haver dois? E então? A solução que podemos dar para isso, a partir exatamente do questionamento de Lacan sobre a identidade, é a seguinte:

$$\{\{a\}, \{a, \emptyset\}\}$$

O que é que eu coloco agora aqui? Eu coloco o primeiro elemento, depois vou colocar o primeiro e o segundo? Qual é o segundo que eu poderia colocar aí na repetição? O vazio, não é? Vejam como o nada vai funcionar como alguma coisa aqui. Quer dizer, eu só tenho um elemento para formar um par ordenado. Pela definição do par ordenado coloco o primeiro elemento, depois vou colocar o primeiro e o segundo; como não tenho o segundo posso colocar o conjunto vazio. Está faltando um elemento aqui, não é? Se está faltando, coloco o símbolo da falta, conjunto vazio, o que inscreve o zero. Então, dessa forma, fiz um par ordenado de acordo com o que Lacan diz, que a repetição do idêntico faz a diferença. Assim posso fazer um par ordenado. Vejam, isso no campo da teoria dos conjuntos é uma aberração, não tem nada a ver. Eu estou construindo isso a partir do campo da clínica, mas utilizando os recursos da teoria dos conjuntos e aplicando literalmente a definição de par ordenado.

Portanto, estamos obedecendo aqui rigorosamente a definição de Cantor de que um elemento não pode ser simultaneamente elemento e conjunto ao mesmo tempo. Isso aqui vai ser utilizado por Lacan num seminário que ele intitulou *Do Outro ao outro (D'un Autre à l'autre)*, a saber, aqui o *a* está como um conjunto, enquanto que o *a* é diferente desse. Esse *a* aqui  $\{a\}$  não é o mesmo daqui  $\{a, \emptyset\}$  porque aqui ele é elemento de um conjunto. Da mesma forma, aqui ele é um conjunto, na primeira vez, mas aqui ele é simplesmente um elemento do conjunto. Os elementos do conjunto aqui, do segundo, são *a* e conjunto vazio. Vamos então fazer umas considerações sobre tudo isso.

O sentido verdadeiro do par ordenado, é escrever o que é fundamental na teoria dos conjuntos e que Lacan vai utilizar para o campo da psicanálise. Isto é, não se deve confundir um elemento

com um conjunto que contém apenas este elemento. Esta distinção essencial é retomada com insistência por Lacan. Vou dizer alguns seminários onde ele traz essa questão. Que são o seminário da *Identificação* (1961-62), o seminário em que colocou reticências ... *ou Pire* (1971-72), depois no seminário *Do Outro ao outro* (1968-69), *O saber do psicanalista* (1971) e enfim, no seminário 17, *O avesso da psicanálise* (1969-70). Em todos esses seminários Lacan vai utilizar essas noções relativas ao par ordenado. E com esse formalismo.

Então, não é inútil tentarmos ver o que é que existe aí, subjacentemente, nesses seminários, quanto à teoria dos conjuntos, porque ele vai utilizar isso como se fosse uma aquisição que todos tivessem. O que torna muitas vezes mais difíceis os textos de Lacan é isso, ele utiliza muitos recursos de qualquer outro campo, da filosofia, da lógica, da topologia, da literatura, como se fosse uma aquisição corrente de todos aqueles que vão lê-lo ou que o ouviram na ocasião. É isso que muitas vezes torna os textos dele meio chatos, meio complicados. E é por isso que faço questão de sempre procurar trazer algo daquilo que eu dizia no início, do caule e das raízes. Quer dizer, se trazemos somente a copa da teoria Lacaniana, ficamos às vezes com dificuldade de ler seus textos. Dificuldade para fazer uma ligação entre aquilo que ele diz e o que podemos elaborar.

O interesse do par ordenado é descrever uma relação assimétrica dando-lhe um sentido, uma orientação. À tarde trarei algumas coisas mais práticas sobre essas questões do par ordenado. Estou colocando mais teoria pela manhã, para trazer as coisas de uma maneira mais prática à tarde. Mas temos que passar por esse momento mais árido.

O passo fundamental da teoria dos conjuntos foi a ultrapassagem da oposição entre o todo e a parte, o que, como eu disse a vocês, aconteceu a partir de Galileu. Isto conduz à descoberta de uma infinidade de infinitos. Esse questionamento da diferença entre o todo e a parte, ou também entre continente e conteúdo, interior e exterior, pela teoria dos conjuntos, é fundamental. O que especifica um conjunto, contrariamente às aparências que podem

dar sua imaginarização, é não o fato de ser antes um todo, mas de ser antes um *buraco*. Eu já tinha falado um pouco disso, antecipando o que estava aí. O que é que fez Cantor com a teoria dos conjuntos?

Antes de Cantor, por exemplo, quando fazíamos as somas tinha que ser soma de coisas homogêneas. Tínhamos que somar cadeiras com cadeiras, pessoas com pessoas, etc. Eu não poderia dizer que aqui há tantos elementos contando cadeiras e pessoas juntamente. Com a teoria dos conjuntos posso fazer agrupamentos de coisas heterogêneas. Posso portanto fazer agrupamento das coisas que existem aqui e colocar as cadeiras, as pessoas, a mesa, o microfone e assim por diante. Quer dizer, eu posso contar coisas que são heterogêneas, foi esse o grande lance da invenção de Cantor. É a teoria dos conjuntos que pode fazer homogeneidades com heterogeneidades. Podemos tornar homogêneas coisas que são heterogêneas.

A questão do conjunto surgiu, como nós vimos, de onde? De um nada. Quando  $x$  não pertence a  $x$  surge o nada, a saber, o conjunto vazio. Só que Cantor desse conjunto vazio, desse nada, fez um buraco, fez uma borda, inscrevendo-o.